

Ministro da economia acredita que o pico da inflação já passou

por Ana Lúcia Magalhães
do Rio

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, não vê risco na demora da solução da crise política acelerar a inflação. Ao participar do leilão de privatização da Polisul, na última sexta-feira, o ministro disse ter sido informado por economistas com quem conversou, entre eles João Paulo dos Reis Veloso e Dionísio Carneiro, que existem indicações de que o pico do aumento de preços já tinha passado.

"Este pico foi movido, em grande parte, por fatores sazonais, como a entressafra. Mas, respondemos a isto com nossos estoques reguladores. O governo tem, hoje, estoques recordes, de 11 milhões de toneladas de grãos e de carne", afirmou Marcílio.

O ministro admitiu ter ocorrido um pouco de remarcações de preços preventivas, "mas nada alarmante". Segundo ele, elas foram provocadas por economistas que ele definiu como "pregoeiros do caos, que se aproveitaram da crise política e começaram a anunciar planos econômicos mirabolantes e mágicos, que, no passado, já se mostraram estéreis".

Moreira voltou a afirmar que o governo não vai intervir no mercado. Na sua opinião, quem intervém é o próprio mercado. "Pela primeira vez, vimos que o mercado funciona. Os setores de fumo e de bebidas aumentaram seus preços e, logo descobriram que suas vendas diminuíram de forma significativa. Evidentemente, o mercado, lastrea-



Marcílio Marques
Moreira

do por uma política fiscal e monetária austera, penalizará estas práticas de remarcações de preços abusivos", concluiu o ministro.

O ministro Marcílio Marques Moreira continuou sua programação, no Rio, em reuniões com os presidentes e os técnicos da Superintendência de Seguros Privados (Susep) e do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB). Em ambos os encontros, Moreira enfatizou que a implantação do plano diretor como das demais medidas modernizadoras da economia prosseguem sem nenhuma alteração, segundo levantou a editora Cristina Borges.

"Neste momento grave da vida nacional, temos que continuar trabalhando com serenidade. As crises não são eternas e deverão encontrar seu desfecho natural. Não serão dois ou três meses que nos tirarão da rota estabelecida", disse o ministro.